

FOTOGRAFIA: UM OLHAR SEMIÓTICO SOBRE UMA LINGUAGEM NÃO-VERBAL

Jane Cristina Baptista Silva

Rosália Maria Netto*

RESUMO: Pretende-se, neste trabalho, sob o ponto de vista da Semiótica, fazer uma reflexão teórica sobre a linguagem não-verbal contida na fotografia em anexo. Para tanto, utilizaremos os conceitos de A.J.Greimas e Cidmar Teodoro Pais, como instrumento de análise de discurso. Escolhemos a fotografia veiculada na Revista Veja, de 28 de maio de 2008, no21, numa tentativa de demonstrar como o não-verbal torna-se tão verbal, chegando ao ponto de ‘gritar’ aos nossos ouvidos pedidos de socorro.

PALAVRAS-CHAVE: Linguagem não-verbal; Semiótica; Significação

ABSTRACT: We intend with this study, on the point of view of the Semiotic, a concept consideration about verbal and non-verbal in the appendage photography.

We are going to apply A.J.Greimas and Cidmar Teodoro Pais semiotics theories, as an instrument to analyses the speech. We have chosen the photography transmitted by Veja Magazine, on May 28th, 2008, no 21, in an effort to demonstrate how non-verbal changes to verbal, getting so close that seems to cry for help.

KEYWORDS: Non-verbal Speech; Semiotics, Signification

Introdução

Este estudo é uma análise das linguagens não-verbais, especificamente da fotografia, e suas diferentes leituras, à luz da Sociosemiótica. Trata-se do processo discursivo subjacente ao texto fotográfico, da interpretação, ou das várias possibilidades dessas leituras nas relações de comunicação, já que o “saber sobre o mundo” é construído pelo sujeito nas suas práticas sociais, no universo sócio-lingüístico-cultural, em decorrência de todos os discursos que, por sua vez, perpassam suas produções discursivas.

É o ser humano, portanto, um ser de linguagem, ou seja, um ser de discurso. Discurso é o Ato de Fala e o homem fala com suas roupas, com seu sorriso, olhares, enfim comportamentos, além de falar com suas artes plásticas, musicais, tecnologias, literatura, arquitetura etc. Não importa o tratamento da informação - linguagens verbais, não verbais ou sincréticas - a significação só existe em discurso.

O estudo do discurso, como capacidade humana de comunicação e processo de construção do ‘saber social’, é objeto da Semiótica greimasiana, que tem suas raízes na teoria da linguagem, de modo que não se trata do estudo do signo, mas da significação já que, a transmissão, conservação, transformação e aprendizagem da cultura realizam-se por meio de ‘práticas sociais’.

Este estudo é objeto da Sociosemiótica, ciência cuja abordagem recente, trata da captura do sentido enquanto dimensão provada do ser no mundo, ou seja, o sentido em situação ou em ato, construído no momento da interação e estuda os discursos sociais não-literários, como os discursos científico, tecnológico, político, jornalístico, publicitário, etc, dentre outros.

Propõe-se, neste trabalho, uma análise semiótica das estruturas do discurso manifestado na fotografia (cf anexo), veiculada na revista Veja em 28 de maio de 2008 no universo de discurso publicitário. A metodologia deste trabalho fundamenta-se na teoria semiótica, que estuda o percurso gerativo do sentido, por meio da análise das estruturas modais; da estrutura discursiva e da estrutura profunda, que trata dos sistemas de valores, ou ideologias, já que todo texto fotográfico passa pelo olhar de um sujeito.

O discurso da fome

A fome é descrita como grande apetite de comer, urgência de alimento, subalimentação ou ainda, falta do necessário, penúria, miséria.

“ A Fome É Um Incêndio Frio” “... é como uma corrente de anzóis que nos crava por dentro.” Foi assim que o poeta chileno Pablo Neruda, descreveu a dor da carência de comida (Revista Veja , no21,p.75)

Na sociedade de transformação e desigualdade que estamos inseridos, a fome nunca

esteve ausente da vida humana. Estima-se que a cada cinco segundos morre uma criança no mundo em decorrência de problemas provocados pela carência de calorias e proteínas mínimas para a sobrevivência. Diante destes dados, podemos pensar no 'percurso' da fome no organismo que acomete milhares, milhões de crianças no Brasil e no mundo. Percurso este que pode ser sentido por milhões e entendido por milhares de pessoas, que conseguem pelo menos imaginar o que acontece no decorrer dos dias, das semanas, enfim, pela fome que não pode ser saciada totalmente.

A fotografia que revela uma realidade

De todas as fontes iconográficas, a fotografia merece uma atenção especial. Com seu advento, na primeira metade do século passado, o mundo das imagens pôde ser registrado e reproduzido com precisão e verossimilhança até então impensáveis. Era como afirma Oliveira (1997) se a própria luz escrevesse sobre a superfície sensibilizada da chapa fotográfica sem a menor intervenção humana, preservando para a posteridade quase tudo que pudesse ser visto, das cenas mais banais às mais gloriosas.

Com a fotografia, a memória ganhou poderosa aliada. Memória visual, pensada e sentida, coletiva ou individual, mas sempre historicamente construída; percebida como uma mensagem composta por sistemas de signo não-verbais, social e individualmente compreendidos através de códigos cuja decifração possibilita a análise de certas ações humanas socialmente determinadas.

Podemos dizer que todas as mensagens visuais designam duas funções: a cognitiva e a emotiva. Estas duas funções da comunicação referem-se à denotação (conteúdo da mensagem), e à conotação (dependente da forma como a mensagem é organizada), sendo suas possíveis leituras e interpretações oriundas da experiência do receptor, podendo ser produtora dos mais diferentes sentidos.

Independentemente das funções que a comunicação exerça, faz-se imperativo pensar e refletir sobre um único sentido que a fotografia em questão suscita, sendo a verdade contundente que ela traduz inegável e inconfundível.

Numa tentativa de análise semiótica, a fotografia, que é um produto de um processo discursivo, ou seja, há um sujeito que seleciona e trata a informação, revela sistemas de valores, nesse caso, uma verdade social pungente: o problema da fome no mundo.

Segundo Trevisan (2000), a fotografia ocupa um espaço natural nas matérias produzidas pela imprensa. Ela remete o leitor, de imediato, ao reconhecimento da sua dimensão documental, enquanto reflexo ou espelho do real. Podemos perceber na fotografia em anexo, não só o reflexo, mas sim o espelho de uma realidade que pode ser traduzido nos sintomas de quem não come há dias. (Revista Veja:2008, No 21 p.75)

Nos primeiros dias, a fome come as forças. Os movimentos são lentos, água é fundamental. Não se dorme bem à noite, só se tem vontade de comer. Fica-se sentado, deitado. Quem levanta há de cuidar para não cair. Os níveis de colesterol triglicérides estão altos. Os níveis de glicose e pressão estão baixos. Viver, respirar, até mesmo pensar é um fardo." (VEJA, 2008, p75)

E como afirma Barthes (1985, p.132), na foto, a imagem transforma-se numa escrita, a partir do momento em que é significativa. Diz, ainda, o autor: uma fotografia será, por nós, considerada fala exatamente como um artigo de jornal.

Assim, diante da foto da criança, o leitor, tem a sensação nítida de estar diante de um grito de socorro, um grito por aquilo que se traduz na palavra "comida". A ênfase maior é dada pelo olhar, que é o transmissor maior da tristeza, da penúria e da miséria.

A possível leitura desta fotografia não se restringe apenas aos olhos da criança. A mão na testa pode ser traduzida como um gesto de tristeza e desesperança; cristalizadas pelas mãos e pernas magras e sujas.

Assim, quando nos deparamos com uma fotografia em que todos os detalhes são

significativos, devemos segundo Barthes, fechar os olhos, após vê-la, e deixar os detalhes remontarem sozinhos à nossa consciência afetiva.

E fechar os olhos significaria não ter ou tomar consciência deste flagelo, mas sim, segundo o semiólogo francês Barthes (1984, p.85), fechar os olhos é fazer a imagem falar no silêncio, pois no fundo, a Fotografia é subversiva, não quando aterroriza, perturba ou mesmo estigmatiza, mas quando é pensativa.

Sabe-se que os elementos do conteúdo da fotografia só irão adquirir sentido por meio das relações estabelecidas entre eles. Tornam-se visíveis através da interpretação que lhe é dada, e ao efeito de sentido que a circunscribe. Ela é multidirecionada, isto é dependerá do olhar de cada 'leitor'.

Devemos considerar que a leitura semiótica de qualquer texto é extremamente variável, pois cada pessoa de determinada sociedade pode fazer uma leitura diferente de um texto em função dos seus valores culturais e visão de mundo, dentre outros aspectos a serem considerados. Segundo Pais (1997, p.221-228)

“ Todos os processos semióticos são historicamente determinados e geograficamente delimitados, pois a 'visão de mundo' de uma comunidade sociocultural e lingüística, bem como sua ideologia e sistema de valores, acha-se sempre em processo de (re) formulação e um constante processo de 'vir a ser' que paradoxalmente transmite a seus membros o sentido de estabilidade e continuidade, ou melhor, os processos culturais são apreendidos no convívio social, uma vez que as semióticas-objeto são particulares em cada sociedade [...] (PAIS, 1997, p.222)

O tratamento da informação em semióticas complexas acontece de maneira multidimensional e é considerado complexo porque existem diversos tipos de sistemas operando no discurso, que segundo Pais (1997) cada discurso tem uma função semiótica, que co-existe paralelamente com os demais, dando um sentido amplo e complexo ao objeto semiótico.

O tratamento da informação em semióticas complexas acontece de maneira multidimensional e é considerado complexo porque existem diversos tipos de sistemas operando no discurso, que segundo Pais (1997) cada discurso tem uma função semiótica, que co-existe paralelamente com os demais, dando um sentido amplo e complexo ao objeto semiótico.

Numa visão simplificada de um processo de comunicação, são identificados um emissor, um receptor e uma mensagem. Do ponto de vista semiótico, esse processo assume uma dimensão ampliada e passa a ser percebido como um processo de significação. Enquanto num processo de comunicação, pragmaticamente, o emissor e receptor são seres biológicos e sociais, que possuem um papel no processo de comunicação, independentemente da linguagem utilizada; no processo de significação enunciador e enunciatário correspondem aos papéis actanciais de um discurso, ou seja, ambos são sujeitos do discurso. Já a mensagem de um processo comunicacional corresponde numa primeira instância, ao texto do discurso, mas vai além, tendo em vista que a semiótica tem

o objetivo de explorar o sentido do discurso, e não se limita ao sentido da comunicação, porque dá conta e busca sentido num processo mais amplo, o da significação.

Análise semiótica do discurso subjacente ao texto fotográfico

Na fotografia sob análise (anexo) revela-se um discurso da fome, mas anterior a este há um outro discurso, o do sujeito que recortou a realidade sob o olhar da lente fotográfica e tratou esta informação, segundo uma semiótica não verbal. Nesse discurso, há uma estrutura narrativa, segundo o modelo canônico da análise narrativa em Semiótica, que apresenta as relações actanciais:

Destinatário

Destinador

Injustiça social

Sujeito

Sujeito
Fotógrafo

Objeto de valor
Denunciar

O destinador manipulador é a Injustiça Social, pois esta instaurou um querer denunciar no sujeito fotógrafo.

Qualquer texto, seja verbal ou não-verbal, é um produto, ou seja, um enunciado, que pressupõe um processo de enunciação e que revela, por sua vez o discurso. Há outras leituras significativas, portanto, como a do discurso da fome, que pode ser mais uma leitura do texto, essa fotografia em questão.

O programa narrativo (PN) é uma estrutura sintática elementar que vem “musicar” o paradigma actancial, pela relação entre o sujeito e o objeto, instaurados assim como hiperactantes.

O discurso daqueles que têm fome, nesse caso, o da criança focalizada, aqui tratada como sujeito¹. Segundo essa outra leitura, que é mais sedutora, pois focaliza a estrutura de superfície da foto, que por sua vez, em sua tematização e figurativização, apresenta a fome (tema) da criança (figurativizada pela sua magreza). Na estrutura narrativa, em sua sintaxe, há um sujeito

(criança) que está em busca do seu maior objeto de valor no momento e para o momento (comida), para que possa assim ter visibilidade social e principalmente manter-se vivo. Essa narratividade é recoberta por uma estrutura superficial que em Semiótica é tratada como estrutura discursiva, em que se manifestam os temas (fome, injustiça social) e as figuras (magreza, olhares lacrimajantes, etc).

Programa narrativo de S1

PNp S1
(criança)

Ov 1
comida
(saciar a fome)

PNa 1 S1
(criança)

Ov 2
visibilidade social

PNa 2 S1
(criança)

Ov 3
Viver
(manter-se vivo)

Figura 1- Esquema do Programa narrativo, baseado no modelo de Pais, 1998.

Numa estrutura mais profunda, que é outra leitura semiótica, é possível descrever as ideologias ou sistemas de valores, que nesse caso da fotografia, se sustenta em contrários e contraditórios, segundo o quadrado lógico aristotélico, que serviu de base para a análise semiótica greimasiana.

Desta maneira, a fome é um tema que pode ser descrito segundo os contrários, os valores vida/morte, inclusão/exclusão. Torna-se necessário ressaltar que na fotografia em questão, tem-se o discurso dos ‘despossuídos’, cujas modalidades da sintaxe narrativa podem ser assim definidas: não-poder-querer. Na estrutura narrativa, o destinador manipulador instaura o sujeito na narrativa, num percurso virtualizante, que é definido como sujeito em relação ao objeto de valor, sendo que a criança quer saciar a fome (comida), quer (ter visibilidade social) enfim, quer manter-se vivo(viver). E no percurso atualizante, tem-se um não-poder, pois a criança não pode comer ou não tem acesso à comida, paralelamente não tem visibilidade social, não tendo, portanto as

condições necessárias para manter-se vivo, ou seja, não foi possível a realização da ação, ou seja está excluído. Valor este que é reiterado na superficialidade do texto, com a concretização do tema, a fome, por meio das figuras.

A análise da estrutura profunda, a partir do modelo semiótico, que por sua vez foi denominado por Pais (1993) como octógono semiótico, possibilita identificar os microssistemas de valor e visão de mundo que qualquer discurso reflete num determinado contexto social. A análise da estrutura profunda define e reflete a axiologia, ou sistema de valores, que corresponde à maneira de ser e perceber de um indivíduo ou de uma sociedade.

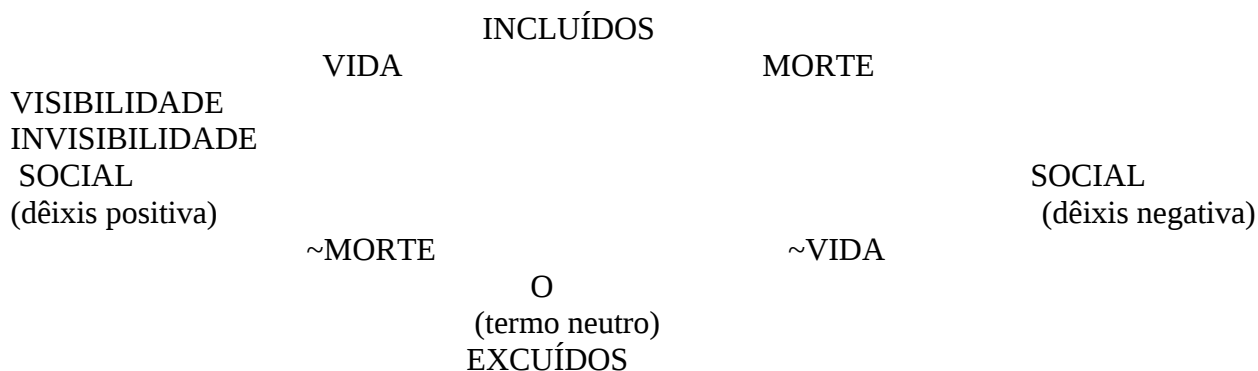


Figura 2- Octógono Semiótico com base no modelo de Pais†

Considerações finais†

PAIS, Cidmar Teodoro. In Simpósio; Sociosemiótica e semiótica das culturas: das modalidades, Fortaleza:UFCE,1997.

Por meio dessa análise, foi possível descrever as estruturas do discurso que está subjacente. Sabemos que consta no Estatuto da Criança e do Adolescente, a garantia mínima à sobrevivência. Diante disso, fica o questionamento: Estamos, ou melhor, estão os órgãos competentes preocupados e dispostos a cumprir o que rege os direitos estatutários e universais?

Continuará a fome no Brasil e no mundo um flagelo que acomete nossas crianças? Temos consciência da representatividade de uma criança diante do mundo? Enfim, essas são as indagações e reflexões que o texto, que é uma foto, suscita e segundo a análise semiótica, foi possível reconstruir o processo discursivo. E como afirma Barthes: na foto a imagem transforma-se numa escrita, e infelizmente quer por uma linguagem verbal ou não-verbal 'a fome' inscreve-se e continua com seu grito.

Referências Bibliográficas

BARTHES,Rolland. Mitologias. Tradução de Rita Buongermino e Pedro de Souza. 6ed. São Paulo, Difel,1985.

_____. A Câmara Clara. Nota sobre A Fotografia. Tradução de Júlio Castañon Guimarães. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.

GREIMAS, Algirdas Julien.Semiótica do discurso científico. Da modalidade. Tradução de Cidmar T.Pais. São Paulo. DIFEL, 1976.

OLIVEIRA,Gil Vicente Vaz. Flashes do passado: o fotojornalismo como fonte de história. Revista Eletrônica de História do Brasil. Juiz de Fora: UFJF,v.1,n.2,p.5-20,dezembro,1997. <http://www.ufjf.br/~clionet/rehb>

PAIS,Cidmar Teodoro. In Simpósio; Sociosemiótica e semiótica das culturas: das modalidades. Fortaleza:UFCE,1997.

TREVISAN, Zizi. O Leitor e O Diálogo dos Signos. São Paulo: Clíper Editora,2000